A ECOLOGIA DA VACA SAGRADA

Maurício Waldman

EDITORA KOTEV
SÉRIE MEIO AMBIENTE 1

A ECOLOGIA DA VACA SAGRADA [1]

MAURÍCIO WALDMAN [2]

Uma das particularidades da Índia é seu enorme rebanho bovino. Neste país, os bois circulam em grande número e podem ser vistos por todos os lados. De pronto, tem-se a impressão de serem indistinguíveis da paisagem indiana, seja no campo ou nas cidades.

Acredita-se que a comunidade indiana de bois e vacas tenha alcançado no ano de 2013 a fabulosa cifra de 195.000.000 de exemplares. Este contingente, perfazendo 13% do total mundial de bovinos, chama de diversos modos a atenção dos estrangeiros, chegando mesmo a estereotipar este país asiático, seu povo e sua cultura.

Isto porque a Índia, não bastasse o numeroso rebanho bovino, é conhecida pelo carinho que seus habitantes dispensam às vacas. Com efeito, honrar e cuidar de uma vaca é um gesto piedoso para a religião hinduísta, amplamente majoritária no país (Figuras 1a e 1b).

A vaca é um símbolo da riqueza, da persistência, da abundância, da generosidade e de uma vida terrena plena e gratificante. O animal é pura e simplesmente sagrado. Daí que para todos os efeitos se impôs na linguagem coloquial global o bordão *vaca sagrada*.

Assim, todo indiano se julga abençoado quando um dos simpáticos bovinos penetra na sua casa. Como sinal da devoção, os indianos enfeitam as vacas com guirlandas de flores e pintam os seus chifres, práticas associadas às festividades hinduístas. Os animais são banhados, acariciados e objeto de diversos tipos de mimos.

A alegre convivência das vacas com os humanos é a imagem alegórica tradicional da Índia, e a devoção apaixonada pelo animal, um dado indiscutível.

Tudo isso parece estranho aos que não são hindus. Turistas se espantam com a liberdade de que goza o gado solto. Mesmo nas metrópoles as vacas interrompem o trânsito, derrubam os tabuleiros dos mercadores, invadem praças e jardins, ruminam nas ruas congestionadas e defecam nas calçadas.

FIGURAS 1a e 1b - Devotos hinduístas abençoando e prestigiando as vacas, cena corriqueira em toda a Índia (Fonte das imagens: < http://theasianpost.co.uk/mob-in-india-lynches-two-muslims-over-suspected-cow-theft/ > e < http://viralstories.in/12-animals-just-animals-indian-culture/>. Acesso: 13-02-2018).

Os animais parecem dispor de todas as regalias. Eles podem ser vistos caminhando tranquilamente ao longo das vias férreas e tomando sol nas estradas rurais, indiferentes ao resto do mundo.

Esta situação especial desfrutada pelos bovinos na Índia é origem de amplo rol de observações preconceituosas, desqualificantes dos indianos, da sua cultura e também da religião hinduísta, que se esmera em criar imagens oníricas de deuses lado a lado com as suas amadas vacas (Figura 2).

Recorda o antropólogo Marvin Harris em *A Mãe Vaca*, a imagem de uma imensa vaca gorda postada ao lado de um agricultor famélico, com os ossos a mostra, emblemática da situação de penúria por alimentos, transmite aos ocidentais uma inquietante sensação de mistério.

No final das contas, sintetizando manifesto inconformismo sentido por muitos, seríamos instados a indagar: *Porque estes embrutecidos camponeses se recusam a comer as vacas?*

Não há como negar, a aparente contradição opondo a reserva corpórea de proteína destes animais aos famintos que acodem por todo o espaço indiano é algo sobejamente incompreensível aos olhos dos observadores ocidentais.

No entanto, a explicação a este aparente paradoxo é não só possível como também revela lógica muito peculiar, associada aos imperativos históricos, culturais, geográficos, econômicos e em particular, ecológicos que caracterizam o subcontinente indiano.

Retenha-se primeiramente que o país é um formigueiro humano. Estimativas indicam que em 2017, a população do país somava 1,355 bilhão de cidadãos. Superpovoado, tal situação por si só sinaliza como prioritária a questão da produção de alimentos.

Em segundo lugar, ao contrário da imagem propagada pela cinematografia ocidental, a Índia é um país de relevo áspero, com vales fluviais separados por platôs e rugosidades topográficas. Logo, apresentando dificuldades internas de comunicação.

Em terceiro, produzir e sustentar a enorme massa de pessoas do povo indiano pressupõe ponderável demanda por energia, tanto a destinada para os trabalhos agrícolas quanto para o preparo dos alimentos.

FIGURA 2 - Uma das muitas imagens alegóricas hinduístas retratando o Deus Krishna acompanhado da Vaca Sagrada (Foto: Pinterest, < https://br.pinterest.com/ >. Acesso: 13-02-2018).

Ora, acontece que o boi constitui peça fundamental para a satisfação de todas estas necessidades e múltiplas outras de caráter secundário.

Por exemplo, para o transporte de carga no meio rural, o boi é imprescindível. É a opção por excelência para o transporte de cargas e para todas as atividades que solicitam tração para deslocar pessoas e bens.

Exceto contextos muito específicos, não existem outras opções para vencer as asperezas da topografia. Isto sem contar o importante papel dos bovinos na aragem do solo e logística da agricultura, que em grande parte segue atendendo modelos tradicionais de cultivo.

Neste sentido, a rarefação de animais de tiro é uma terrível ameaça que paira sobre a maioria dos camponeses pobres.

Quando um animal adoece ou morre, este fato se revela uma tragédia para o camponês. Quase sempre, o agricultor termina assumindo empréstimo junto a usurários e à mercê dos especuladores, pode perder sua propriedade para sempre.

Todavia, é no aspecto energético que o boi traz sua grande contribuição. Desde muitos milênios o estrume bovino tem sido, na Índia, a principal fonte de energia domiciliar, sendo largamente utilizado para a cocção dos alimentos.

Aparte as objeções infundadas que alguns podem colocar quanto à utilização do estrume seco como combustível culinário, muitas regiões do mundo utilizam ou já utilizaram esta modalidade de obtenção de energia.

Na Europa, até passado recente, o estrume era utilizado no meio rural de todo o continente. O mesmo ainda acontece no Tibete, país vizinho da Índia, que no caso, recorre aos dejetos do *yak*, bovino lanoso típico da região do Himalaia e imediações.

Outro caso exemplar são os povos nômades da estepe eurasiana e do Saara, que também utilizam o estrume como fonte de energia, até porque, não há nenhuma outra disponível.

Ademais, o esterco possui a vantagem adicional de constituir combustível que se desloca junto com os pastores. Portanto uma matriz energética de acesso direto e permanente.

Na Índia, o estrume configurou-se do mesmo modo como uma estratégia energética de primeira linha, calçada por uma série de particulares deste país. A energia do esterco, ao contrário do carvão e da lenha, é a única ao alcance do camponês pobre da Índia.

Além de satisfazer as necessidades de energia do meio rural, existem também notórios benefícios ambientais. Caso a Índia não utilizasse a energia do esterco bovino, já teria deixado de existir qualquer cobertura florestal no país, visto que transformada em lenha ou em carvão vegetal.

Assinala a famosa ambientalista indiana Vandana Shiva, a energia dos resíduos bovinos equivalem respectivamente a 35 e 68 milhões de toneladas de carvão e de madeira. Ademais, a coleta e queima do esterco impede a contaminação do solo e dos recursos hídricos e suas cinzas, contribuem para o sucesso das colheitas.

Portanto, utilizar estrume bovino constitui uma excelente economia energética e uma notável prática ecológica!

De resto, contradizendo determinado senso comum, os indianos não são propriamente vegetarianos, mas sim, lactovegetarianos.

Ou seja, não há impedimento quanto ao uso do leite e de laticínios. Isto é: a vaca também é uma fonte de alimento. Comer bife ou hambúrguer de carne bovina é fora de cogitação. Porém, na contramão a manteiga e iogurte são bem-vindos (Figura 3).

Sumariamente: não é possível pensar a organização social e espacial da Índia na ausência da vaca. Com a contribuição da vaca, a agricultura hindu, além de sustentar uma vasta população, garantiu a perpetuação de uma gloriosa civilização.

Afinal, a civilização hindustânica foi responsável por avanços na matemática (como os algarismos numéricos e pela criação do número zero), de prodigiosos feitos artísticos, na metalurgia, arquitetura, urbanismo, artesanato e de notável produção filosófica.

Não por acaso, atualmente a índia detém proeminente projeção na informática, indústria aeroespacial e nas ciências exatas. Aliás, anotem: a vaca tem sua parcela de mérito em todos estes feitos memoráveis.

Com toda certeza (e nisto o materialismo cultural de Marvin Harris desfruta de boa parcela de credibilidade), a vaca se tornou sagrada na Índia porque se afirmou enquanto

fator essencial para a sustentabilidade da agricultura e manutenção dos sistemas naturais, indispensáveis para alimentar um imenso número de pessoas.

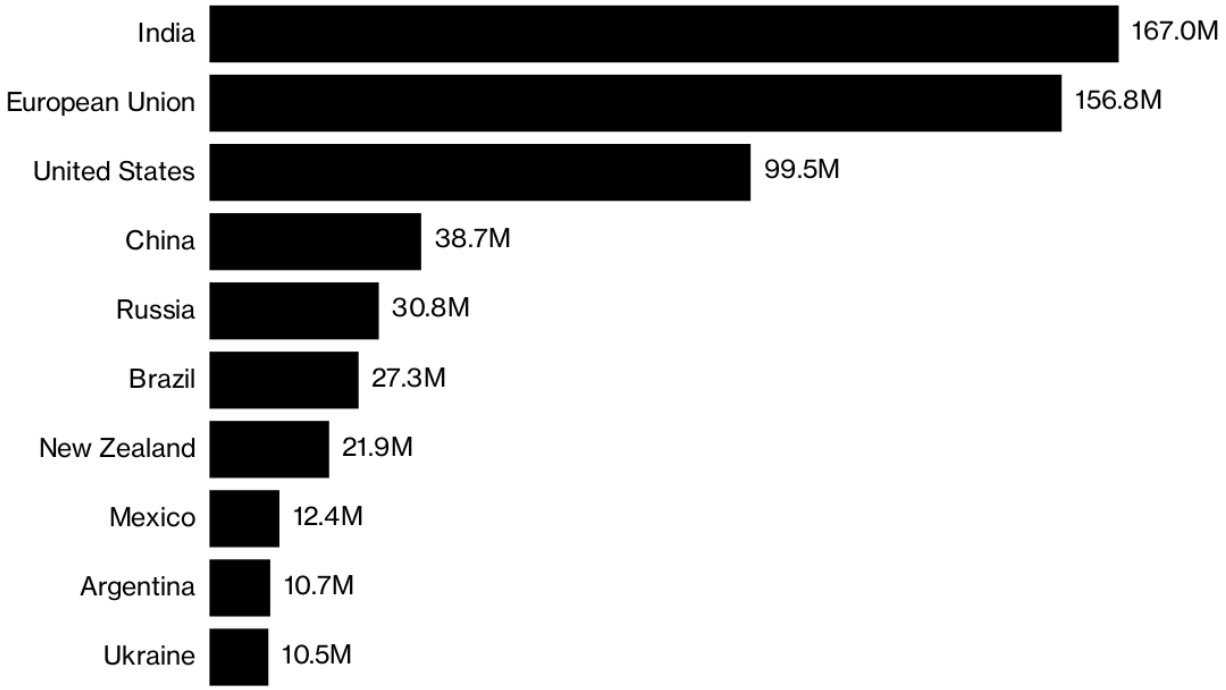

FIGURA 3 - Dados dos maiores produtores mundiais de leite no ano de 2018. Note-se que a Índia, em que pese a baixa produtividade do rebanho leiteiro, é o maior produtor mundial. Isto porque o mercado consumidor do país absorve toda a produção, atualmente insuficiente para atender a enorme demanda pelo produto (Fonte: USDA Foreign Agricultural Service, In: < https://www.bloomberg.com/news/features/2018-01-23/india-s-sacred-cow-now-threatens-an-83-billion-dairy-industry >. Acesso: 13-02-2018).

O que nos ensina a argumentação de Harris é que a ecologia muitas vezes expressa não um sentimento ou estado de espírito, mas antes, a inserção de práticas reais na materialidade social.

Gostamos da árvore porque fornece sombra. Bebemos com prazer água fresca por que assim é melhor. É isto que transforma em ecológicas itens que nos são úteis, bons e prazerosos. E até sagrados.

Em vista do que colocamos, a conclusão óbvia é que reconhecidamente existem razões de sobra para que as vacas sejam depositárias de tamanho carinho na Índia. Veneradas por multidões sem conta, este prestígio apenas revela o quanto a vaca se tornou útil, eficiente e prestativa.

Graças ao acalanto devotado às vacas, o meio ambiente indiano conseguiu sustentar milhões de pessoas durante dezenas de gerações, e para arrematar, de modo compatível com exigências hoje carimbadas como “sustentáveis”, um sucesso que a entronizada agricultura moderna está distante de alcançar.

Esta comparação torna-se ainda mais desfavorável quando consideramos o fato de que o mundo moderno está queimando reservas insubstituíveis de combustíveis fósseis cuja formação demandou dezenas de milhões de anos, um gasto perdulário de insumos naturais verdadeiramente sem precedentes.

Por isso mesmo, talvez a verdadeira vaca sagrada não seja hindu e nem sequer um animal. Como observou argutamente Marvin Harris, caso alguém queira ver uma vaca sagrada, não é necessário visitar a Índia.

Para tanto, basta ir até a garagem e olhar para o carro da família!

1 **A Ecologia da Vaca Sagrada** refere-se a um tema desenvolvido em diversas palestras motivacionais desenvolvidas pelo autor em sala de aula e eventos. Foi formatado em reportagem eletrônica disponibilizada para a *Coluna do Waldman*, sob titularidade do autor, no site *Cultura Verde!*, em Junho 2009. Mais adiante, uma versão sintética deste material foi publicada na forma de artigo para coluna *Pensar e Repensar*, também do mesmo autor, pelo jornal *O Imparcial*, de Presidente Prudente (SP), sob o título *A Vaca Sagrada é Útil,* edição de Terça-feira, 3 de Novembro de 2015, Seção Opinião, página 3a (Acesso: http://www.mw.pro.br/mw/ColunaPR_Imparcial26.pdf). A presente edição deste texto foi masterizada em 2018 pela **Editora Kotev** (Kotev ©) para fins de acesso livre na Internet. **A Ecologia da Vaca Sagrada** incorpora revisão ortográfica com base nas regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo, re-paginação normativa e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF, também permitindo consulta em aparelhos celulares. A confecção da edição digital contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@-hotmail.com, Site: www.harddesignweb.com.br. Anote-se que editorialmente, o texto de **A Ecologia da Vaca Sagrada** é um material gratuito, sendo vedada qualquer forma de reprodução comercial e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev** (Kotev©). A citação de **A Ecologia da Vaca Sagrada** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor, texto e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *A Ecologia da Vaca Sagrada*. Série Meio Ambiente Nº. 1. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

2 **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área do meio ambiente e uma carreira acadêmica diversificada, com contribuições nas vertentes da antropologia, geografia e sociologia. Antigo colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, ativista de movimentos em defesa da Represa Billings e um dos veteranos da Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente (APEDEMA, SP), Waldman foi elencado no ano de 2003 em enquete do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) como um dos trinta ambientalistas históricos do Estado de São Paulo. Nos anos 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo. No plano institucional, Waldman foi Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Foi colunista, articulista e/ou colaborador da Agência Ecumênica de Notícias (AGEN), do jornal Diário do Grande ABC, Folha de São Paulo (Seção do Grande ABC), revista Tempo & Presença, site da Editora Cortez, boletim Linha Direta, revista Teoria & Debate, revista Ambiente Urbano, site do Prof Assessoria em Educação, site

Cultura Verde, Secretaria de Comunicação de São Bernardo do Campo, jornal O Imparcial e da revista Brasil-África Magazine. Autor/coautor de 18 livros, *26 e-books* e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Maurício Waldman escreveu, dentre outras obras, *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992) e *Antropologia & Meio Ambiente* (SENAC, 2006), primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental. Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP (1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br;
Maurício Waldman - Textos Masterizados: http://mwtextos.com.br/
Currículo Lattes-CNPq: http://lattes.cnpq.br/3749636915642474;
Biografia Wikipédia: http://enº.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman.
Email: mw@mw.pro.br

CONHEÇA A SÉRIE MEIO AMBIENTE

http://mwtextos.com.br/serie-meio-ambiente/

Os debates sobre MEIO AMBIENTE são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com RELAÇÕES INTERNACIONAIS, AFRICANIDADES, CARTOGRAFIA, ANTROPOLOGIA e EDUCAÇÃO POPULAR.

Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página:
http://kotev.com.br/

Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo:
atendimento@kotev.com.br